

PLANTAS, BOBAGENS, O PANTANAL, A LÍNGUA E A PALMEIRA IMPERIAL

Por Cristiano Budreckas

Abril de 2008

Problema:

Como colocarias ordem numa bagunça, elaborando apenas uma frase?

Re posta: Por favor, vamos colocar ordem neste local, comportem-se!

Correto! Mas como farias utilizando uma frase que contivesse apenas vogais e nenhuma consoante?

Resposta: Impossível!

Certamente impossível seria, se habitasses regiões temperadas do Hemisfério Norte ou fosses descendente direto daqueles povos. Mas se fosses descendente de povos das regiões tropicais do Hemisfério Sul, seria mais fácil tua resposta, que poderia ser:

“ – Ó u auê aí, ô!”

Pronto, a ordem estaria reestabelecida.

Deves estar perguntando qual o segredo? O que fez uma mudança tão radical na língua?

Simples, os povos do Hemisfério Norte, em sua maioria usam na vocalização, consoantes, enquanto os povos do Hemisfério Sul, vogais.

Faças outro teste, a palavra água em inglês é water e em Tupiguarani, é “l”; vocalize as duas e veja como no inglês falas com a boca fechada e nos modos tupiniquins, falas com a boca aberta, puxando o ar lá dos pulmões.

Não funcionou? É porque falaste o Português do a,e,i,o,u e não de Pindorama. Então, tentes Iguaçú (água grande) ou Ipiranga (água vermelha); faltou até ar.

Apesar de contrariar Dawkins, Gould, Asimov e Sagan (talvez Darwin), acredito que os povos do Norte, usam consoantes para poder falar sem abrir a boca,

enquanto os povos do Sul, o fazem exatamente de forma contrária, pois escancaram a boca para soltar o verbo. Acredito que tal adaptação evolutiva, deveu-se á necessidade da troca de calor do corpo com o meio externo.

Imagines á -40°C, se começares á abrir a boca á cada vogal, a perda de calor certamente seria muito grande. Já á +40°C, é bem interessante ficar de boca aberta. Talvez por isso que os surfistas ficam lá, paradões de boca aberta, que nem “bocós”; só se movendo para catar abricós da praia.

Por esta e outras considerações da língua-mater, confesso-te, sou semianalfabeto.

Pudera, no meu tempo de escola, não tive aulas de Português; na verdade da Sexta Série ao Colegial, “minha” professora de línguas (Maria Madalena Ferreira de Aguiar), lá de Mayrink, proibiu-me de assistir as aulas, recomendava-me leituras e apesar de não fazer provas sempre tive boas notas na língua do Sr Camões. É um enigma o motivo da recusa de Madalena em ter – me como aluno; quero crer que era para evitar que um dia viesse a ler coisas como; “O Alquimista” do Mago.

Pela deficiência lingüística, muitas pessoas tentam corrigir meus textos; excessos de vírgulas, excesso de quês, não se deve escrever na segunda pessoa, tem um tal de gerúndio.... Nunca aprendi formas construtivas. Sintaxe, acredito, que é quando se dá uma resposta afirmativa ao motorista de taxi, sim quero taxi! Objeto direto, é aquilo que te atinge sem resvalar em nada e verbo transitivo direto é um verbo usado sem rodeios para se cantar a donzela...

Desculpe, Madalena, mas tens culpa no cartório, por não eu não ter aprendido nossa língua, mas te agradeço por isso. Tive a chance então de aprender uma outra língua, uma miscigenação de Guimarães Rosa, com Chico Bento, de Tupiguarani com Latim e de Veríssimo com Grego. Essa língua, batizei de Agrônomes e é com essa língua miscigenada que verso sobre nosso mundo. Tipo; “Ara sô, qui topera!!!”

Dia desses versando sobre o mundo com o Roberto, contou-me á respeito de sua viagem á uma fazenda do Pantanal Alagado, em que num capão onde se instalara a sede de uma fazenda, um tar de Pai da Gista*, derrubou as árvores desse capão e as substituiu por um punhado de Palmeiras Imperiais (*Roystonea sp*).

Nada contra o Pai da Gista* no papel de Burle Marx pantaneiro, nada também contra a Palmeira e muito menos contra o império. Mas o império já acabou “à uma tantada de tempo”, assim não precisamos mais observar o poderio do Rei em competição com o poderio da Igreja e de sua Torre. Sem ao menos pensar no estrago no cocuruto dum capiau passante, duma folha de vinte quilos caindo de trinta metros do rés do chão, ralando de carespa o testado do “disinfiliz”.

Vivemos o momento histórico do final da Idade do Petróleo, estamos ensaiando entrar na Idade da Água, assim precisamos desenvolver métodos, tecnologias, conceitos... e principalmente respeito ao recurso, ou melhor, á riqueza água e aos seus pares como Jacarés e TUIUIUS – este último maior representante das vogais de nossa língua. Divertido seria ver um alemão tentando pronunciar o nome da ave símbolo do alagado pantaneiro.

Bem, então como faríamos para promover o casamento da água, com a palmeira?

Simples, o juiz de paz, chamado aqui de pai da gista, trocaria no livro de proclamas, o nome da Palmeira Imperial pelo da Palmeira Carandá Açú.

Não conheces a noiva?

Se, és um sujeito bem informado, deves ter lido que o líder máximo do país, o Lula; trocou o Palácio da Alvorada pelo Palácio dos Buritis, sim o mesmo Carandá-Açú, conhecido pelo nome latino de *Mauritia flexuosa* ou *Mauritia vinifera*.

O Buriti, é palmeira que ocorre do Pará á São Paulo, sempre em áreas alagadas, podendo chegar á vinte e cinco metros de altura. Sua madeira pode ser usada em construções, assim como, as folhas. O corte do cacho antes da floração, provoca a exsudação de um líquido adocicado, que fermentado transforma-se em vinho, daí o nome Vinho de Buriti e Vinífera.

A polpa do fruto, fornece óleo comestível, cocadas e geléias. O tronco moído fornece fécula parecida com da mandioca, por isso também é chamado de Sagú do Pantanal. A planta possui simbiose e outros tipos de associações mutualísticas com Bromélias, Orquídeas e outros vegetais, bem com serve de abrigo e nidificação para Tuiuiús, “cumida pru monte di bichu, inte pá Anta”...

Já a Palmeira Imperial, origina-se da América do Norte, de sua área subtropical, já á meio caminho da Região Temperada; pode chegar á quarenta metros de altura

e tem como utilidade, ?????????????? e ??????????. Nada encontrei nas utilidades.

Assim, Roberto, tens a obrigação de repassar ao Pai da Gista, nosso modificador de paisagens, a ideia de que, ele comece á refletir sobre o mundo que o cerca ou que vá treinando á falar com a boca fechada, usando só consoantes.

Senão, o Chico Bento, vai falar:

“Arre que topera sô!”

”O meió”:

“Arre que Anta sô!!! “Pá mor di que no Pantanar num tem o tar rato topera!!!”

Roberto, filosofando na mesma linha das vogais e consoantes, poderíamos versar outras bobagens, como aquela da semelhança entre as mulheres de descendência itálica, com as Marchigianas; mas isso é para outro plantas e bobagens.

Ah, ia me esquecendo, o Buriti ainda fornece outro material, que está relacionado aos sonhos de Ícaro, á Da Vinci e ao mundo encantado das crianças. São as varetas de Pipa, que podem ser feitas das nervuras de suas folhas sêcas.